



INVENTÁRIO DE MEMÓRIAS E IDENTIDADES DO CAMPO: EDUCAÇÃO, CULTURA E RESISTÊNCIA NO DISTRITO DE IPUAÇU (FEIRA DE SANTANA – BA)

Terezinha de Jesus Almeida ¹
Renata da Silva Santos ²
Ruth Cunha dos Santos ³
Graziele de Jesus Almeida ⁴
Ketyany Soledade Lima Leite ⁵

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFRB), junto ao Colégio Estadual do Campo Edivaldo Machado Boaventura, localizado no distrito Dr. João Durval Carneiro (Ipuaçu), em Feira de Santana-BA. O estudo teve como objetivo registrar e analisar as memórias, histórias e identidades da comunidade a partir da metodologia do inventário da realidade, fomentando pesquisa, formação e extensão. Com abordagem qualitativa e natureza etnográfica, a investigação foi realizada no período de 2020 à 2024, por meio de rodas de conversa, entrevistas, observações e visitas às comunidades da Gameleirinha, Umbuzeiro, Fazenda Mergulho e Amarela. O referencial teórico dialoga com autores como Freire, Caldart, Arroyo, Molina e Freitas, que discutem Educação do Campo, memória e formação docente. Os resultados indicam que o inventário contribui para a valorização das identidades locais e para a construção de uma educação contextualizada, reconhecendo o território como espaço educativo, cultural e político.

Palavras-chave: Educação do Campo. Inventário da Realidade. Memória. Formação Docente. PIBID.

¹ Graduando do Curso de licenciatura em educacao do campo com aria de atuação ciencias da natureza da Universidade Federal do Reconcavo da Bahia- UFRB, terezinha1010b@gmail.com;

²Graduando do Curso de licenciatura em educacao do campo com aria de atuação ciencias da natureza da Universidade Federal do Reconcavo da Bahia- UFRB, renatasilvasueira@aluno.ufrb.edu.br;

³ Mestrando do Curso de Educação do Campo da Universidade Estadual Federal do Reconcavo da Bahia- UFRB cunha.ruth@aluno.ufrb.edu.br;

⁴ Graduando do Curso de licenciatura em educacao do campo com aria de atuação ciencias da natureza da Universidade Federal do Reconcavo da Bahia- UFRB, grazielealmeida953@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Orientadora, Mestrando do Curso de Educação do Campo da Universidade Estadual Federal do Reconcavo da Bahia- UFRB Ketyanyssl@gmail.com;;





INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma experiência formativa e integrada desenvolvida no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), junto ao Colégio Estadual do Campo Edivaldo Machado Boaventura, situado no distrito Dr. Gov. João Durval Carneiro, conhecido como Ipuacu, em Feira de Santana-BA. O estudo nasceu da necessidade de registrar e compreender as memórias, histórias e identidades das comunidades locais, como forma de fortalecer a Educação do Campo e valorizar as lutas sociais, culturais e educativas que constituem o território.

Parte-se do entendimento de que conhecer a realidade na qual a escola está inserida é essencial para resgatar a história e a solenidade dos sujeitos do campo, fazendo da educação um ato de resistência e afirmação cultural. A Educação do Campo, conforme Caldart (2008), constitui-se como projeto político e pedagógico construído pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais, orientado pela defesa de uma escola que reconheça o território como espaço de produção de saberes e de vida

Arroyo (2012) reforça que compreender o campo como território educativo evidencia reconhecer identidades, ritmos e experiências que destacam as formas de aprender e ensinar. Essa discussão dialoga com o pensamento de Paulo Freire, ao destacar que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou construção” (FREIRE, 1996, p. 25), o que requer estabelecer vínculos entre escola, comunidade e universidade.

Desenvolvido entre 2020 e 2024, a pesquisa consistiu em duas edições do PIBID e teve como objetivo principal construir um inventário de realidade do distrito de Ipuacu, seguindo como referência teórica o “Guia Metodológico do Inventário de Realidade” (Caldart, 2016), registrando aspectos históricos, sociais, econômicos, culturais e ambientais. Para isso, foram realizadas rodas de conversa, entrevistas, observações e visitas às comunidades locais, buscando compreender como memória, território e identidade se articulam na constituição do lugar e na prática educativa da escola do campo. Esse processo foi coletivo, envolvendo professores, licenciandos e moradores, em um movimento sustentado pelo diálogo e pela participação.





A história de Ipuacu, anteriormente conhecido como Remédio da Gameleira, é marcada pela realocação de famílias em decorrência da construção da barragem Pedra do Cavalo no rio Paraguaçu, evento que transformou profundamente as relações comunitárias. Essas memórias, registradas no Inventário de Realidade (UFRB, 2024), evidenciam o impacto do chamado “progresso” sobre comunidades tradicionais e reforçam a importância de preservar narrativas que resistem ao apagamento de seus espaços ancestrais. Os registros mostram que, mesmo diante de desafios como ausência de saneamento básico, desemprego e escassez de políticas públicas, a comunidade conservar forte identidade cultural, exibida no uso tradicional de plantas medicinais, nas festas religiosas, no trabalho coletivo e nos modos de organização social.

Os resultados, sistematizados no *e-book* Inventário de Realidade: Conhecer e Viver a Escola do Campo (UFRB, 2024), evidenciam o reconhecimento da biodiversidade local, o uso de plantas medicinais, as transformações históricas e geográficas vividas pela comunidade, o perfil socioeconômico das famílias e a dinâmica político-pedagógica da escola. Esses elementos reforçam que a Educação do Campo envolve o reconhecimento da cultura local e a valorização das experiências dos sujeitos, possibilitando práticas formativas que emergem do território. Para compreender como esses elementos sustentam a experiência analisada, torna-se fundamental apresentar o referencial teórico que orienta a Educação do Campo e as concepções de memória, território e formação que fundamentam este estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação do Campo se constitui como resultado das lutas, histórias e modos de vida das populações rurais, que há gerações constroem seus territórios marcados por trabalho, solidariedade e resistência. Conforme discute Caldart (2008), esse movimento nasce da mobilização dos trabalhadores do campo que reivindicaram uma escola coerente com sua realidade e suas formas de produzir conhecimento. Assim, a Educação do Campo vai além da mediação nas escolas em espaço do campo, mas representa um projeto político que enfrenta desigualdades históricas e desarticulando modelos urbanizados de escolarização, apostando em práticas educativas vinculadas ao território, à cultura local e às experiências coletivas.





Arroyo (2012) amplia esse entendimento ao afirmar que reconhecer os sujeitos do campo significa reconhecer também seus saberes, ritmos e modos próprios de viver. Para o autor, esses sujeitos carregam experiências que precisam ser consideradas pela escola, pois são fundamentais para se ter uma compreensão significativa para o educar no campo. Esse olhar rompe com uma lógica que uniformiza tempos e culturas e defende que a diversidade, os saberes da terra, a produção coletiva e a memória comunitária compõem a base da formação humana nesse contexto. O pensamento de Paulo Freire (1996) dialoga diretamente com essa perspectiva ao salientar que toda prática educativa precisa partir da vida concreta dos educandos. Quando Freire afirma que os saberes não são hierarquizados, mas diferentes, ele evidencia que cada sujeito traz consigo conhecimentos produzidos nas relações familiares, no trabalho, na cultura e no cotidiano. Para o autor, aprender a ler o mundo vem antes de ler a palavra, pois as experiências vividas moldam os sentidos que os educandos atribuem ao que estudam. Assim, uma educação que desconsidera o território e a história das comunidades perde sua dimensão ética e libertadora. Uma prática que se compromete com os sujeitos precisa surgir do lugar em que vivem, de suas narrativas e de suas necessidades.

Nesse cenário, o inventário da realidade aparece como um caminho que se aproxima do que Freire, Caldart e Arroyo defendem. De acordo com Caldart (2016), esse processo aproxima a escola do território ao reunir elementos da vida comunitária que permitem compreender como as pessoas se organizam, trabalham, celebram e enfrentam dificuldades. Mais do que um levantamento de informações, o inventário se configura como prática educativa que fortalece vínculos e valoriza as experiências dos sujeitos.

A discussão sobre memória contribui para aprofundar esse entendimento. Halbwachs (2006) argumenta que a memória é social e se mantém viva nas relações que os sujeitos estabelecem uns com os outros. As lembranças não são apenas individuais, mas se estruturam nos grupos de pertencimento que dão sentido à experiência. Bosi (2003) reforça essa ideia ao afirmar que, para comunidades populares, lembrar é também resistir. Nesses grupos, muitas histórias permanecem fora dos registros oficiais, mas são preservadas pela oralidade, pelas práticas culturais e pelas relações cotidianas.





Ao registrar as narrativas dos moradores mais antigos de Ipuacu, o inventário recupera dimensões afetivas, simbólicas e históricas que ajudam a compreender a formação do território e as transformações vividas pela comunidade. Esse diálogo se aproxima do que defende Candau (2011), para quem a escola deve ser um espaço de encontro entre culturas. Reconhecer a diversidade, nesse sentido, não é apenas admitir diferenças, mas considerá-las como condição para o diálogo e para a formação cidadã.

Molina e Freitas (2011) lembram ainda que a Educação do Campo envolve disputas políticas e ações coletivas de diferentes atores como professores, movimentos sociais, universidades e comunidades que lutam por uma escola pública comprometida com a dignidade dos sujeitos do campo. Para esses autores, a articulação entre saber popular e conhecimento científico é fundamental para fortalecer experiências pedagógicas enraizadas no território. Desta forma, o inventário da realidade se destaca como prática que favorece a formação docente, valoriza as identidades locais e contribui para que a escola desenvolva ações sensíveis às necessidades e expectativas da comunidade.

Dessa forma, o referencial teórico que embasa este estudo viabiliza dimensões políticas, culturais e pedagógicas fundamentais à Educação do Campo. A escola do campo, nesse contexto, assume-se além de espaço de ensino, mas como território de memória, história e luta e reafirma-se a educação como possibilidade de transformação social e de (re)construção de identidades.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de caráter descritivo e participativo, orientada pelos princípios da Educação do Campo e pela perspectiva freireana de diálogo e construção coletiva do conhecimento. O estudo foi realizado entre 2020 e 2024 no âmbito do PIBID/UFRB, em parceria com o Colégio Estadual do Campo Edivaldo Machado Boaventura, localizado no distrito de Ipuacu, em Feira de Santana-BA.

A metodologia baseou-se no Guia Metodológico de Inventário da Realidade, proposto por Caldart (2016), que orienta processos de levantamento e sistematização de informações sociais, históricas, culturais e econômicas do território com participação direta dos sujeitos que nele vivem. Essa referência foi escolhida por possibilitar uma aproximação mais profunda entre escola, comunidade e universidade, garantindo que o conhecimento produzido permanecesse vinculado ao contexto local.





Foram utilizados como procedimentos: entrevistas semiestruturadas, rodas de conversa, observações e registros fotográficos. Esses instrumentos permitiram compreender modos de vida, memórias e formas de organização das comunidades de Ipuacu e de localidades próximas, como Gameleirinha, Umbuzeiro, Fazenda Mergulho e Amarela. Participaram moradores antigos, agricultores, lideranças comunitárias, professores e estudantes, cujas narrativas contribuíram para reconstruir aspectos da história e das práticas sociais do território.

As rodas de conversa ocorreram em espaços diversos, favorecendo o diálogo entre universidade e comunidade, conforme a concepção freireana de conhecimento construído na troca e na problematização da realidade. A observação direta possibilitou identificar como as relações, práticas e significados do cotidiano se articulam com a experiência educativa vivenciada pela comunidade.

Os registros foram organizados em cadernos de campo, gravações de áudio, fotografias e planilhas de sistematização. Todo uso de falas e imagens foi autorizado pelos participantes, assegurando respeito à privacidade, ao consentimento e à autoria, conforme princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa e indutiva, articulando o material empírico ao referencial teórico da Educação do Campo. Esse movimento possibilitou compreender como memória, território e práticas educativas que se alia, na vida da comunidade e influenciam a relação entre escola e território.

O processo constituiu-se também como espaço formativo para os licenciandos do PIBID, que atuaram como mediadores entre escola e comunidade. Ao participar das diferentes etapas do inventário, desenvolveram postura crítica sobre o fazer docente e compreenderam a importância do território como fonte de aprendizagem, diálogo e valorização das identidades do campo.

A partir dos procedimentos adotados e do conjunto de narrativas e registros reunidos, tornou-se possível identificar elementos que revelam os modos de vida, os vínculos comunitários e os sentidos atribuídos ao território. Esses aspectos estruturam a análise apresentada na seção seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO





O Inventário de Realidade realizado em Ipuçu permitiu aproximar, de forma sistemática, a história do distrito, os modos de vida de suas comunidades e o papel da escola do campo na preservação da memória coletiva. Produzido pelos licenciandos do PIBID em parceria com o Colégio Estadual do Campo Edivaldo Machado Boaventura, o inventário recolheu narrativas, imagens e dados que ajudam a compreender como o território se organiza e como a escola se relacionam.

O distrito Dr. Governador João Durval Carneiro, conhecido popularmente como Ipuçu, localiza-se a oeste de Feira de Santana, a cerca de 14 km da sede municipal, com aproximadamente 3.600 habitantes, segundo o IBGE 2022. Sua história é marcada por sucessivas mudanças de nome, de Remédio da Gameleira a Ipuçu, até a denominação atual de Governador João Durval Carneiro, além de processos de reconfiguração territorial que deixaram marcas profundas na memória dos moradores.

A pesquisa realizada pelos pibidianos resgata, por exemplo, a narrativa sobre a antiga Gameleira, distrito submerso após a construção da barragem de Pedra do Cavalo no rio Paraguaçu, obra que “alterou o curso natural das águas e da vida” e obrigou famílias a se deslocarem para novas terras, levando consigo lembranças, práticas e laços comunitários. Uma das moradoras mais antiga, ao rememorar a mudança, sintetiza o vínculo entre memória e território: “A gente cresceu aqui. Cada canto tem uma lembrança. Não é só o lugar, é a vida da gente que tá aqui.” Outro agricultor faz referência à antiga localidade inundada: “Quando a água subiu, perdemos o que era nosso desde os avós. A gente veio pra cá, mas o coração ficou na Gameleira antiga.”

A comunidade está localizada em uma área de transição entre Mata Atlântica e Caatinga, com ocorrência de espécies como cajarana, angico, aroeira-vermelha, barriguda, bromélias e diferentes tipos de cactos, especialmente nas comunidades de Amarela, Gameleirinha, Umbuzeiro e Lagoa das Pedras. Essa composição do bioma aparece nas falas de moradores que explicam o uso das plantas tanto para alimentação quanto para cuidados com a saúde. Uma moradora relatou: “Quando a gente adoecer, a primeira coisa é procurar o mato. Minha mãe me ensinou qual folha cura dor, qual acalma, qual desinflama.” Essa “sabedoria do mato”, transmitida entre gerações, aproxima-se do que Arroyo (2012) denomina saberes do campo, articulados ao trabalho, ao cuidado com o ambiente e às formas de sociabilidade.





Do ponto de vista econômico e social, o inventário aponta para uma realidade em que predominam o trabalho familiar, a agricultura de pequena escala, a pesca e o extrativismo. Há na comunidade cooperativas, associações e pequenas empresas como as iniciativas ligadas ao beneficiamento do camarão na comunidade de Umbuzeiro e à comercialização em feiras e comércios locais que organizam parte da produção e garantem renda para as famílias.

Um outro ponto apresentado no Inventário, apresenta o perfil dos estudantes do CECEMB, eles são, em sua maioria, são filhos de trabalhadores rurais, ribeirinhos, pescadores, autônomos e beneficiários de programas sociais, oriundos tanto da sede do distrito quanto de comunidades vizinhas como Fazenda Mergulho, Amarela e Umbuzeiro.

Nesse contexto a escola aparece como referência e como espaço de articulação entre memória, território e educação. Ela atende ao Ensino Fundamental II, Médio e PROEJA, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno. A escola conta com salas de aula, biblioteca, horta, campo aberto e espaço para eventos e alimentação, tornando-se lugar de encontros, reuniões de associações, celebrações religiosas, festas culturais e projetos desenvolvidos em parceria com a comunidade, igrejas, movimentos sociais e universidade.

No processo de construção do Inventário de Realidade, os pibidianos percorreram as localidades, ouviram moradores antigos, registraram imagens e sistematizam dados que foram reunidos em um e-book e ao mesmo tempo, ressignificaram o lugar da escola como guardiã dessas memórias. Uma professora da escola expressou essa percepção ao afirmar: “Quando a universidade chega pra ouvir, e não só pra falar, a gente sente que nossas histórias importam.”

Do ponto de vista da formação docente, os pibidianos relatam que o processo de inventariar os modos de vida, as festas, o trabalho, as estratégias de sobrevivência e os desafios sociais de Ipuacu contribuiu para que percebessem o distrito como espaço onde as histórias, são contadas, transformadas conectando o passado ao presente”.

Em diálogo com Freire (1996), a experiência mostrou que ensinar no campo implica aprender com a realidade, problematizando as condições em que os sujeitos vivem e produzem conhecimento. A análise das narrativas e dos materiais construídos no âmbito do Inventário permitiu identificar alguns eixos estruturantes: a) memória e ancestralidade, relacionadas à antiga Gameleira, às histórias de deslocamento e às práticas religiosas; b) identidade e pertencimento, visíveis no apego ao nome Ipuacu, mesmo após as mudanças oficiais, e no orgulho em ser “do distrito”; c) território e cultura, expressos nas festas, no uso das plantas medicinais, nas formas de trabalho coletivo e nas redes de solidariedade; e d)





educação e resistência, materializadas na escola do campo como espaço de afirmação das lutas e dos projetos de futuro das comunidades.

Nessa articulação, o inventário confirma a perspectiva da Educação do Campo como projeto político-pedagógico que reconhece o campo como território de produção de saberes, e não apenas como lugar de carências (CALDART, 2008; MOLINA; FREITAS, 2011). Ao mesmo tempo, evidencia como a memória coletiva tomada aqui na acepção de Halbwachs (2006), como construção social ancorada em grupos e instituições, encontra na escola um de seus principais suportes.

Quando moradores, professores e licenciandos narram, registram e estudam a história de Ipuaçu, a escola passa a atuar não só como espaço de escolarização, mas como lugar de guarda, atualização e circulação dessas memórias. Dessa forma, os resultados indicam que o Inventário fortalece vínculos entre universidade, escola e comunidade e contribui para uma formação docente comprometida com a dignidade e a visibilidade dos sujeitos do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Inventário de Realidade construído no distrito de Ipuaçu constituiu-se como uma experiência articuladora de formação, pesquisa e compromisso ético com os sujeitos do campo. Ao registrar memórias, histórias e modos de vida, o estudo mostrou que o diálogo entre universidade, escola e comunidade produz conhecimento situado, baseados nos saberes locais e nas situações reais

de existência das famílias camponesas.

Os resultados evidenciaram que o inventário contribuiu para a valorização das identidades locais e para a construção de uma educação contextualizada, ao reconhecer o território como espaço educativo, cultural e político. Os eixos identificados na análise como: memória e ancestralidade; identidade e pertencimento; território e cultura; educação e resistência confirmam que a vida comunitária de Ipuaçu se organiza em torno de vínculos históricos e emocionais que vão além da dimensão geográfica e atravessam a escola do campo.

Nessa perspectiva, a memória coletiva, entendida à luz de Halbwachs (2006) como construção social sustentada por grupos e instituições, encontra na escola um de seus principais suportes e espaços de atualização. A pesquisa reafirma a Educação do Campo como





prática emancipatória e crítica, em consonância com Freire (1996), Caldart (2008) e Arroyo (2012).

Ao tomar a realidade como ponto de partida, o inventário mostrou que educar no campo implica ler o mundo com os sujeitos, problematizar as condições em que vivem e reconhecer os saberes que produzem. A escola, quando se assume como parte do território, fortalece o pertencimento, aprofunda a consciência política e amplia as possibilidades de intervenção coletiva sobre a realidade.

Do ponto de vista formativo, a experiência teve impacto significativo na trajetória dos licenciandos do PIBID. Ao atuarem como mediadores entre escola e comunidade, participaram de todas as etapas do inventário, aprenderam a escutar as narrativas dos moradores, a sistematizar informações e a interpretar a realidade à luz de referenciais teóricos. Esse percurso favoreceu a construção de uma docência pautada no respeito à cultura local, na leitura crítica do território e na compreensão da pesquisa como dimensão constitutiva do trabalho docente na Educação do Campo.

Para o campo acadêmico, o estudo contribui ao apresentar o Inventário de Realidade como caminho metodológico para pesquisas participativas que integram investigação e intervenção social. O percurso realizado em Ipuauçu indica que o inventário pode ser apropriado por outras escolas do campo como ferramenta pedagógica capaz de fortalecer vínculos comunitários, favorecer a leitura crítica da realidade e subsidiar projetos educativos enraizados no território.

Aponta-se, ainda, a necessidade de novos estudos que aprofundem a relação entre memória, currículo e práticas pedagógicas, bem como as articulações entre programas de formação inicial, como o PIBID, e as demandas específicas das comunidades camponesas. Ao final, o processo de inventariar mostrou que registrar a realidade é também traduzir o vivido em conhecimento compartilhado.

A escola do campo, ao assumir o papel de guardiã da memória e catalisadora de identidades, reafirma-se como espaço de resistência cultural e política. A experiência em Ipuauçu reforça a esperança freireana de uma educação transformadora e profundamente humana, sustentada pelas redes de solidariedade e pelos saberes que nascem da vida comunitária.





REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo faz parte do movimento da educação do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helena Costa Lopes de (org.). Educação do campo: história, práticas e desafios no Brasil. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. p. 89-118.

CALDART, Roseli. Inventário da Realidade: guia metodológico para uso nas escolas do campo. Acesso em: nov. 2020. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/362933298/Inventario-Educacao-Do-Campo-docx> 2016.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helena Costa Lopes de. *Educação do campo: história, práticas e desafios no Brasil*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2011.



